

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE HISTÓRIA – BACHARELADO

ZULEICA SOARES WERHLI

REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA EM PADRE BALDUÍNO RAMBO

RIO GRANDE

2014

ZULEICA SOARES WERHLI

**REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA EM PADRE BALDUÍNO RAMBO NA
OBRA “A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL: ENSAIO DE
MONOGRAFIA NATURAL”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em História com ênfase no Patrimônio Socioambiental.

Orientador: Dr. Daniel Porciuncula Prado

RIO GRANDE

2014

Agradecimentos

Agradeço as minhas colegas e amigas Nadia e Virginia por nossa trajetória de parceria. Foram minhas parceiras de estudo, pesquisas, risadas e amigas para toda hora.

A todos os meus professores, que de uma maneira ou outra contribuíram no decorrer desta jornada.

Ao meu querido amigo e orientador, professor Daniel Prado, por seu presente auxílio, amizade e paciência. Sem sua orientação, este trabalho não teria se realizado de igual forma.

Deixo para este parágrafo o agradecimento mais especial, ao meu marido Adriano. Meu amigo, companheiro, parceiro de todas as horas. Sem você nada disso teria sido possível.

*“Quem come da árvore do conhecimento
sempre acaba expulso de algum
paraíso.”*

(William Ralph Inge)

Sumário

Considerações Iniciais	05
Capítulo 1	
História Ambiental: Temas, fontes e metodologia	09
1.1. História Ambiental como campo do conhecimento	09
1.2. Temas Fontes e Metodologia.....	11
1.3. Referencial teórico e metodologia empregada na pesquisa.....	13
Capítulo 02	
A Fisionomia do Rio Grande do Sul	16
2.1. Rambo e suas considerações sobre a natureza no litoral Rio-Grandense.....	17
2.2. A Serra do Sudeste	21
2.3. A Região da Campanha do Sudoeste.....	24
2.4. Depressão Central.....	28
2.5. O Planalto	32
2.5.(A) Paisagem do Alto Uruguai	36
2.5.(B) Paisagens do Planalto Central	37
2.5.(C) Paisagens do Planalto Nordeste	38
Capítulo 03	
Um olhar global e à proteção a natureza	41
3.1. Os elementos de estrutura e formação do Estado	41
3.2. Clima	42
3.3. Solo.....	43
3.4. Vegetação	44
3.5. Presença do homem	44
3.6. Proteção à natureza.....	47
Considerações finais	50
Fontes	52
Referências Bibliográficas	52

Considerações Iniciais

O presente trabalho visa analisar a Representação da obra *A Fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*, de autoria do Pe. Balduino Rambo enfatizando o capítulo sobre *Proteção à Natureza* por ser o foco desta pesquisa. Em outras palavras, pretendemos verificar através de *Representações* (CHARTIER, 1986) as percepções de natureza no olhar do autor no seu tempo, ou seja, na década de 30 constatando a relevância da obra para conhecimento sobre o Rio Grande do Sul e conferir como se posicionou o autor frente à realidade encontrada.

Editado pela primeira vez em 1942 sob o patrocínio do Governo Estadual, com uma tiragem de 550 exemplares que não foram comercializados, a obra foi distribuída gratuitamente a entidades educacionais e científicas interessadas por estudos do estado do Rio Grande do Sul. Esta tinha por objetivo versar sobre a descrição do Rio Grande do Sul através da literatura já existente e observações pessoais do autor, enfocando os aspectos científicos, didáticos e estéticos e também as questões ambientais, foco principal desta pesquisa, para assim aproximar o máximo possível da realidade rio-grandense tal qual ela era, podendo desta forma aperceber-se das relações históricas entre sociedade e meio ambiente.

Paulo Henrique Martinez afirma,

Dada a sua formação social e econômica e as características físicas de seu território, no Brasil, a natureza foi objeto e presença incontornável na historiografia. [...] Logo, a abordagem das questões ambientais pela historiografia pode partir destas características culturais, em busca daquilo que singulariza a sociedade brasileira e as relações que estabeleceu e estabelece com o mundo natural. (MARTINEZ, 2006, p.27)

O que nos motivou à realização desta pesquisa é que esta, apesar dos avanços científicos empreendidos nas últimas décadas, ainda é uma obra basilar sobre a cultura rio-grandense e também a necessidade de salientar o fato de que a preocupação com o meio ambiente não ser algo recente, modista, mas sim presente, continuamente, acompanhando alguns pensadores.

Para Pádua, “A discussão ambiental se tornou ao mesmo tempo criadora e criatura do processo de globalização.” (PÁDUA, 2010, p.82), ou seja, a emergência de estudos nesta área vem alterando o perfil do pensamento moderno. A natureza,

paisagem e ecossistemas são linhas de estudo que vem desafiando, estimulando e oportunizando uma maior integração com outras áreas do conhecimento, uma vez que, “A produção de um entendimento sobre o mundo tornou-se um componente básico da própria existência social.” (PÁDUA, 2010, p.83)

No intuito de buscar estas informações foi feita uma análise da obra citada acima, com o devido aporte teórico metodológico a fim de compreender corretamente as representações e constatações do autor sobre este estado.

Assim, este estudo se propõe a analisar o obra do Pe. Balduino Rambo, com vistas a perceber as formas de Representação atribuída pelo autor na imagem do estado do Rio Grande do Sul nas décadas de 30 e 40. Mesmo já decorridos setenta anos desde sua primeira publicação, esta ainda pode ser considerada uma obra básica sobre a cultura e estudos acerca da natureza sul-riograndense.

O enfoque dado a esta pesquisa objetiva trazer a tona as transformações que estavam ocorrendo na época e suas consequências para os dias atuais, uma vez que se constatou que muito pouco até agora foi pesquisado e estudado desta literatura. Este trabalho tenciona “dar vida” a obra de Rambo que através de seus estudos veio a refletir sobre a natureza riograndense, proporcionando-nos um trabalho de história ambiental.

O autor já naquela época mostrava preocupação e temor pelo futuro com relação ao meio ambiente como pode ser percebido no trecho a seguir:

No tocante aos animais, o estado do Rio Grande do Sul já é desolador. Nas matas da borda da serra colonizada, nada resta da maior parte dos mamíferos e aves de caça; nas matas do Uruguai, não passarão dez anos, e a miséria será a mesma. [...] Praticamente no Rio Grande do Sul, a destruição da fauna de mamíferos, aves e peixes continua em escala ascendente [...]. (RAMBO, 2005 p.434).

O excerto acima evidencia claramente a preocupação do autor com os problemas ambientais que o estado apresentava e o alto preço que o crescimento e desenvolvimento do mesmo viria a pagar em função da exploração da natureza e seus recursos, caso não houvesse a preservação dos elementos constituintes e integrantes da paisagem rio-grandense.

Esta pesquisa visa melhor compreender as representações ambientais, a repercussão de vozes e seus ecos que trouxeram contribuições para uma melhor gestão da natureza moderna e indagações que envolvem o meio ambiente. Desde muito tempo

já havia uma grande preocupação e tentativa de soluções para com o meio ambiente e o Pe. Balduino Rambo foi uma dessas vozes.

Pra melhor compreender estas averiguações tomamos a obra do Pe. Rambo como fonte e utilizamos como referências os seguintes trabalhos: (i) O artigo “A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa” de José Augusto Drummond (Estudos Históricos, 1991) que gira sobre a história ambiental e sua relevância como campo de trabalho; (ii) O livro “A figueira e o machado: uma história das raízes do ambientalismo no Sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler” do prof. Dr. Daniel Prado (PRADO, 2011) que traz um profundo estudo sobre esta temática; (iii) O livro “Meio Ambiente e representação social” de Marcos Reigota (REIGOTA, 2004), pois as Representações Sociais estão no centro de muitas pesquisas sobre meio ambiente; (iv) A obra “A História Cultural – Entre práticas e representações” de Roger Chartier (CHARTIER, 1986) que nos deu o aporte teórico para este trabalho; (v) O livro “Análise de Conteúdo” de Laurence Bardin (BARDIN, 2011) que nos propiciou o aporte metodológico para esta pesquisa; (vi) o artigo “Para fazer História Ambiental” de Donald Worster (Estudos Históricos, 1991) que fornece os primórdios da História Ambiental; (vii) A obra “História Ambiental no Brasil: Pesquisa e ensino” de Paulo Henrique Martinez (MARTINEZ, 2006) que apresenta a trajetória da História Ambiental no Brasil; (viii) O artigo “As bases teóricas da história ambiental” de José Augusto Pádua (Estudos Avançados, 2010) que nos dá o aporte teórico da história ambiental.

Segundo José Augusto Pádua “[...] *a convivência no Brasil desse duplo movimento: uma rica tradição de simpatia cultural e elogio laudatório da natureza, de um lado e, do outro, uma história de contínua agressão contra as suas manifestações.*” (PÁDUA, 2002, p.84). Partindo dessa afirmativa, o trabalho buscou um olhar sobre o Rio Grande do Sul, suas paisagens e o papel do ser humano no cerne do meio ambiente.

Assim, para a efetivação desta pesquisa, optamos por uma divisão didática do trabalho em três capítulos sequenciais e encadeados entre si.

No primeiro capítulo (I), *História Ambiental: Temas, fontes e metodologia*, apresentamos a trajetória da História Ambiental, sua relevância como ciência e o papel que ela vem desencadeando nos últimos tempos com a abertura de novos campos de conhecimento, bem como o trabalho conjunto com outras ciências, o acréscimo que suas contribuições proporcionam para o desenvolvimento não só da História mas também o

seu caráter interdisciplinar e as suas potencialidades investigativas à trabalho do desenvolvimento dos estudos históricos.

Nesta parte também explicitamos nossas escolhas teórico-metodológicas empregadas à investigação realizada, apresentando os aportes utilizados para a realização da mesma.

No segundo capítulo (II), *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, apresentamos o estudo sistemático da obra em questão, na busca de uma apreensão dos discursos ambientais presentes no livro.

No terceiro capítulo (III), *Um olhar global e à proteção a natureza*, destacamos de maneira sintética e abrangente os dados apresentados pelo autor no decorrer de sua obra e efetivamente destacamos o papel do homem junto ao meio e a proteção ao meio ambiente, foco este da História Ambiental como agente reformador.

Efetivamente, nossa pesquisa foi desenvolvida a partir da obra *A Fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*, e terá como “pano de fundo” toda a base teórica proporcionada pela *História Ambiental* e pelo aporte teórico e metodológico já apresentado anteriormente.

Para Martinez, “A História Ambiental representa uma prática historiográfica que, no Brasil, pode conferir novos sentidos para o conhecimento histórico, mais aplicado, o que é muito diferente do uso instrumental que costuma ocorrer no estudo do passado.” (MARTINEZ, 2006, p.110)

Ao visar a apreensão das informações e mensagens explícitas ou implícitas deixados pelo autor em sua obra, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Segundo Bardin, Análise de Conteúdo atualmente é,

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. (BARDIN, 2011 p.15)

Portanto, este método nos possibilitou a identificação, organização e interpretação de mensagens existentes nesta obra permitindo assim, um maior e melhor entendimento dos seus significados, indo além de uma leitura apressada.

Capítulo 01

História Ambiental: Temas, fontes e metodologia

Neste capítulo vamos situar brevemente quais os objetos de estudo da História Ambiental e sua trajetória e relevância como um agente reformador no campo da investigação. Também, com apoio de diversos autores, vamos destacar os temas factíveis de investigação com a História Ambiental, seu aporte metodológico e as fontes passíveis de estudos neste campo.

1.2. História Ambiental como campo do conhecimento

Atualmente temas relacionados ao meio ambiente, sua proteção e conservação estão em voga, são capas de jornais, revistas, aparecem nos principais noticiários do mundo, suas questões são abordadas por especialistas, políticos, simpatizantes e até por leigos no assunto.

Segundo Martinez,

O meio ambiente ingressou nas agendas econômica, política, educacional e, agora mais intensamente, universitária. Estas mudanças sociais e as medidas governamentais lançaram os historiadores frente a um problema epistemológico que, se não lhes é totalmente desconhecido, requer novo empenho analítico: a história do meio ambiente ou, em expressão mais sintética, a História Ambiental. (MARTINEZ, 2006, pp.12-13)

Este é um tema que pensadores e estudiosos das ciências humanas, particularmente a História Ambiental, vêm propondo muito antes do modismo hoje presente. Já no fim do século XIX a preocupação com os rumos do meio ambiente já se fazia presente nas falas e escritas de alguns pensadores, mas seu papel no campo historiográfico começou a tomar corpo nos meados da década de 70, tendo como primeira sociedade científica estruturada para este tipo de investigação a American Society for Environmental History criada em 1977.

Segundo Donald Worster, “*Um dos mais produtivos centros da nova história tem sido os EUA, fato que sem dúvida se explica pela força da liderança norte-americana em questões ambientais.*” (WORSTER, 1991, p.200). Porém este mesmo

autor não deixa de externar o desempenho da França como outro centro de estudos desta área principalmente os historiadores adstritos à revista dos *Annales*, que a muito tem se dedicado ao meio ambiente.

Sendo assim, a História Ambiental se configura como uma nova forma de estudo, que perpassa as relações entre humanos e natureza sendo o meio ambiente o agente modificador destas relações.

De acordo com Worster, *“Agora chega um novo grupo de reformadores, os historiadores ambientais, que insistem em dizer que temos de ir mais fundo, até encontrarmos a própria terra, entendida como um agente e uma presença na história.”* (WORSTER, 1991, pp.198-199)

Para José Augusto Pádua,

A modernidade da questão ambiental – da ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical e inescapável para a continuidade da vida humana – deve ser entendida em sentido amplo. Ela não está relacionada apenas com as consequências da grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir dos séculos XIX e XX, mas também com uma série de outros processos macro-históricos que lhe são anteriores e que com ela se relacionam (dentro do jogo de continuidades e descontinuidades que caracteriza os processos históricos). (PÁDUA, 2010, p.4)

Assim verifica-se que a História Ambiental refuta a perspectiva de que as práticas de vida das sociedades ocorreram sem limitações de cunho natural, não podendo descartar as consequências ecológicas que refletem nos dias atuais e vindouros. Não é o estudo de um passado estanque, isolado e sendo ela eminentemente interdisciplinar, permite um diálogo com diversas outras ciências, numa produção construtiva, respeitando a diversidade.

Segundo Paulo Henrique Martinez,

Sendo o meio ambiente um objeto interdisciplinar surge, então, um primeiro e importante problema para a História Ambiental. Ela converte-se, assim, em um campo aberto a experimentações. [...] O fato é que a História possui uma vasta experiência de diálogo e de trabalho interdisciplinar que facilita suas aproximações no estudo das relações do ser humano com a natureza no passado. (MARTINEZ, 2006, p.20-21)

Também este autor destaca, “*O desafio na abordagem interdisciplinar é constituído, precisamente, pela capacidade de dialogar com outras ciências sem descaracterizar a disciplina de origem. O espírito deve ser de cooperação e não de dissolução disciplinar com perdas explicativas.*” (MARTINEZ, 2006, p.63)

Worster corrobora os excertos acima quando expõe, “*De fato, boa parte do material da história ambiental está disponível há gerações, talvez há séculos, e agora está sendo apenas reorganizado à luz das experiências recentes.*” (WORSTER, 1991, p.201).

1.2. Temas Fontes e Metodologia

A História Ambiental está dando seus passos iniciais, está ainda gestando seu campo de conhecimento e para Donald Worster, historiador norte americano, um dos pioneiros nesta área, esta nova forma de pensar História, possui atributos que a tornam singular em seus estudos. Para tanto ele expressa a ideia central que esta disciplina deve se ocupar:

Em termos bem simples, portanto, a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. [...] O ambiente construído expressa a cultura. O seu estudo já progrediu bastante com a história da arquitetura, da tecnologia e da cidade. Mas quando lidamos com fenômenos tais como florestas ou o ciclo hidrológico, estamos diante de energias autônomas que não derivam de nós. Essas forças interferem na vida humana, estimulando algumas reações. Algumas defesas. Algumas ambições. Assim, quando ultrapassamos o mundo auto-refletido da humanidade e chegamos à esfera não-humana, a história ambiental encontra seu tema de estudo. (WORSTER, 1991, p.201)

Para Worster o foco da História Ambiental se concentra nos fenômenos autônomos, que produzem causas e conseqüências, influenciando assim a esfera social. Já o “ambiente social” é criado pelos humanos, ligados à sua cultura e sendo assim não é objeto de estudo desta ciência.

José Augusto Pádua dá um olhar mais abrangente a História Ambiental,

A história ambiental, como ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas. Mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O desafio, [...] é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos. [...] O importante é permanecer atento e aberto em cada situação de pesquisa. Em certas situações os fatores biofísicos são decisivos. Em outras a tecnologia ou as visões

de mundo podem ser decisivas. Em todas as situações, no entanto, o biofísico, o social e o cultural estão presentes. Nos diferentes casos, o que se percebe são sistemas abertos e que se modificam no andamento da história. (PÁDUA, 2010, p. 97)

José Augusto Drummond explicita que,

A história ambiental é, portanto, um campo que sintetiza muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar. A sua originalidade está na sua disposição explícita de “colocar a sociedade na natureza” e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza. (DRUMMOND, 1991, p.8)

Como podemos perceber a História Ambiental é um leque aberto, que perpassa dos fenômenos naturais aos construídos pelo homem. Há inúmeras fontes disponíveis para estudos neste campo de investigação. Drummond corrobora com este pensamento ao afirmar a existência de *grande variedade de fontes pertinentes ao estudo das relações entre sociedades e o seu ambiente*. (DRUMMOND, 1991, p.6).

Pádua Afirma que,

A história ambiental apresenta-se hoje como um campo vasto e diversificado de pesquisa. Diferentes aspectos das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais são esquadrihados anualmente por milhares de pesquisadores. A produção atual engloba tanto realidades florestais e rurais quanto urbanas e industriais, dialogando com inúmeras questões econômicas, políticas, sociais e culturais. (PÁDUA, 2010 p.96)

Paulo Henrique Martinez destaca que, “[...] o desafio para a História Ambiental, mais que outros, seja precisamente este: abordar as questões ambientais como métodos e instrumentos específicos do ofício dos historiadores. Em resumo, ser, antes de tudo, História.” (MARTINEZ, 2006, p.63)

Portanto, percebe-se a existência de um amplo matiz de fontes, temas e problemas que a História Ambiental pode se utilizar no seu campo investigativo. A combinação com a multidisciplinaridade só vem a contribuir ainda mais para o crescimento deste pacote o que vem a facilitar a construção do conhecimento neste campo investigativo.

1.3. Referencial teórico e metodologia empregada na pesquisa

Para o presente trabalho o referencial teórico que será utilizado está ligado à vertente historiográfica Nova História (Le Goff, 1998). Segundo Le Goff:

Nosso objetivo é dar a conhecer a um vasto público as mais modernas orientações da história, cuja importância tornou-se tão grande, que há uma “nova história” e que, embora permanecendo uma ciência de vanguarda, ela arrasta visivelmente uma parte cada vez maior da produção histórica atrás de si, nos domínios da pesquisa, do ensino, da edição. (LE GOFF, 1989, p.15)

Assim, conforme a citação de Le Goff, esta pesquisa encontrará seu lugar dentro do contexto da Nova História, pois permite o alcance de todo e qualquer documento como fonte privilegiada para o conhecimento histórico, mas cabe-nos atentar que os princípios básicos das idéias apresentadas na obra estudada devem ser compreendidos como construções que vem a moldar a forma de pensar de uma sociedade.

Chartier corrobora com este pensamento ao afirmar que representações são: *“esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado”* (CHARTIER, 1986 p.17). Isto nos leva a investigação de como as Representações são construídas, sendo alternativa de compreensão social e cultural da realidade, o que nos permite vislumbrar como a sociedade na época estava organizada.

Marcos Reigota reforça, *“[...] as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam sua realidade.”* (REIGOTA, 2004, p.70). Assim, é válido o emprego desse conceito para se fazer análise histórica.

Como apresentado anteriormente, a História Ambiental também se faz presente com José Augusto Pádua, pois segundo ele, a história ambiental se constitui como um amplo campo de pesquisas, interagindo sistemas naturais e sociais. A interdisciplinaridade é fator chave para a melhor compreensão da natureza moderna, é a interação entre natureza e sociedade que poderá nos trazer respostas satisfatórias as nossas indagações e inquietações.

Pádua reforça este pensamento quando cita:

..., as formações da natureza estão sendo entendidas como configurações momentâneas de uma história de mudanças ao longo do tempo, cujo destino final é desconhecido, mesmo que muitas vezes elas pareçam infinitamente sólidas na sua temporalidade específica, por existirem numa escala muito superior ao do limitado “tempo social” humano. (PÁDUA, 2010, p.89).

Já como metodologia de pesquisa, apropriamo-nos de procedimentos da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011) por entender ser esse o método mais adequado, pois conforme a autora é fundamental distinguir as principais características do material a ser analisado, organizando e separando, conforme objetivos que orientam esta pesquisa.

Bardin explicita,

O maior interesse deste instrumento polimorfo e polifuncional que é a análise de conteúdo reside – para além das suas funções heurísticas e verificativas – no constrangimento que ela impõe de alongar o tempo de latência entre as instituições ou hipótese de partida e as interpretações definitivas. Ao desempenharem o papel de “técnicas de ruptura” face à instituição aleatória e fácil, os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa, (BARDIN, 2011, p. 15-16)

Seguindo esta lógica, foi feito o levantamento das fontes, realizou-se a preparação do material, fragmentando-o em sistemas de categorias e unidades que em consonância com Roque Moraes (2007) este processo vem em auxílio para uma melhor compreensão dos discursos utilizados nos textos.

Ainda conforme Moraes, a Análise de Conteúdo, abarcaria quatro etapas necessárias à absorção do texto de forma qualitativa pelo investigador. São elas:

- 1- Preparação das informações;
- 2- Transformação do conteúdo em unidades;
- 3- Classificação das unidades em categorias;
- 4- Descrição e Interpretação (MORAES, 2007)

Deste modo nos é permitido traduzir e interpretar os dados em conjunto com o contexto com vistas a um melhor aproveitamento das fontes documentais e fazer a elaboração final da pesquisa.

A ideia norteadora desse trabalho consiste em analisar as representações ambientais e a fisionomia do Rio Grande do Sul a partir da obra do Pe. Balduino Rambo.

Primeiramente investigamos se a publicação da obra foi relevante para promover e aperfeiçoar o conhecimento sobre o meio ambiente no estado do Rio Grande do Sul. Sabe-se, através de pesquisa realizada pelo Jornal Correio do Povo, que a obra em questão foi citada entre as dez mais expressivas já publicadas versando sobre o tema natureza no estado.

Também, investigamos como a obra no seu tempo foi porta voz das questões ambientais no estado, e se ela possibilitava a divulgação das demandas relacionadas à natureza que estavam ocorrendo naquele período.

Não podemos deixar de salientar que por ser uma obra pioneira e representativa no que concerne ao Rio Grande do Sul foi ela um agente propulsor de novos estudos na busca de transformações da realidade apresentada.

Capítulo 02

A Fisionomia do Rio Grande do Sul

Percorrendo o estado do Rio Grande do Sul num período de aproximadamente dez anos, averiguando e descrevendo os aspectos geográficos-naturais, fauna, flora, hidrografia, etc, Pe. Balduino Rambo publicaria suas observações colhidas em 1942 sob forma da obra *A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*. Assim, nesta etapa do trabalho, empreenderemos uma análise do sujeito de nossa pesquisa. Observaremos, analisaremos e faremos uma tentativa de compreender os discursos ambientais presentes na obra de Rambo chegando, por conseguinte ao cerne do nosso trabalho.

Porém, antes, brevemente relataremos o Brasil da década de trinta. Nos anos vinte se dá a crise do modelo oligárquico. Nos anos trinta o país e conseqüentemente o estado, passavam por transformações, era a implantação de um novo modelo de administração sob o comando de Getúlio Vargas tendo como palavra chave: Modernização.

Segundo Fausto,

... podemos dizer que, a partir de 1930, ocorreu um troca da elite do poder sem grandes rupturas. Caíram os quadros oligárquicos tradicionais, os “carcomidos da política”, como se dizia na época. Subiram os militares, os técnicos diplomados, os jovens políticos e, um pouco mais tarde, os industriais. (FAUSTO, 2012, p.279)

Esta nova conjuntura buscava a “diversificação da estrutura produtiva” do país, ou seja, desenvolver a industrialização, fazer a integração dos mercados, nasce à centralização das decisões econômicas. O Brasil deveria deixar de ser um país essencialmente agroexportador, deveria diversificar, expandir a economia, tornar um país industrial, principalmente indústria pesada.

Para Pesavento,

Dentro deste contexto, o governo da União via o Rio Grande do Sul como destinado a complementar a economia central em seu papel de fornecedor de gêneros de subsistência para o mercado consumidor nacional. Neste sentido, a manutenção da estrutura agropecuária

estadual ia ao encontro dos interesses do governo central, com o que se coadunavam as duas perspectivas (a do centro e a regional). (PESAVENTO, 1985, p.106)

É nesta nova conjuntura que surge a obra de Rambo, sua pesquisa se desenvolveu no percurso de dez anos, a partir de suas observações e estudos autodidáticos.

2.1. Rambo e suas considerações sobre a natureza no litoral Rio-Grandense



Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul. Em destaque a região do litoral.
Fonte: adaptado Costa-1986

Na obra do Pe. Balduino Rambo percebemos a recorrência de temas relativos à natureza e suas características, sobre os quais o autor procede a uma descrição farta e minuciosa. A primeira parte de sua obra é dedicada ao litoral rio-grandense onde foi desenvolvido um estudo metódico sobre seus dados geográficos principais, sua formação, transformação, fauna, flora, conjunto de feições, etc.

Para uma melhor análise da primeira parte da obra, lançaremos mão de duas categorias que intitulamos *paisagem litorânea* e *riqueza natural* com o intuito de refletir o conteúdo de cada uma delas e correlacioná-las. Estas são categorias que compomos a partir de uma leitura dirigida da obra com o objetivo de relacionar os temas para a verificação de como o autor concebia as relações homem/ambiente.

Na categoria **paisagem litorânea** o seu conteúdo expressa as características do litoral, a sua superfície em constante mudança, o desfavorecimento à vida vegetal e a uniformização do litoral. A categoria **riqueza natural** por sua vez revela a acessibilidade marítima, com isto o favorecimento ao comércio de trânsito, a abundância de peixes e animais marinhos e o potencial para a indústria balneária. Aqui,

segundo o autor, o litoral é posto como “domicílio humano permanente” tendo assim uma conotação econômica e cultural. Esta categoria também revela as potencialidades do litoral, os melhoramentos de infra-estrutura que podem ser aplicados, vindo a modificar as limitações de ordem natural.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
<p>Paisagem litorânea: vento e litoral arenoso</p>	<p>“No litoral arenoso do Rio Grande do Sul o agente transformação mais importante, quase único, é o vento.” (p.9)</p>
	<p>“A areia, que aqui nos interessa, é suficientemente dominada pelo vento de intensidade média, para por ele ser transportada à vontade.” (p.9)</p>
	<p>“As areias litorâneas oferecem um substrato extremamente desfavorável à vida vegetal.” (p.15)</p>
	<p>“A uniformidade é o que antes de tudo se impõe ao observador. Toda a linha da costa é um vasto cordão de areia, sem elevações, sem ilhas, sem rios maiores; só o pilar rochoso de Torres forma uma variação, pitoresca em si, mas insignificante demais para influir no aspecto total. (p.32)</p>

A fim de pautar uma discussão do relato de Rambo, iniciamos a análise a partir da categoria **paisagem litorânea** com o propósito de perceber a representação atribuída

pelo autor à natureza do litoral do Rio Grande do Sul na época de suas pesquisas *in loco*.

Para tanto, reproduziremos o seguinte excerto: “*A superfície da terra, produto histórico dos agentes mais diversos, nunca alcança um aspecto definitivo: os agentes geológicos continuamente a transformam, preparando a fisionomia natural das eras vindouras.*” (RAMBO, 2005, p. 9). Com este fragmento é visível o que o autor salienta em sua obra quando expõe que o ambiente está em ininterrupta transformação. Estas são lentas e graduais, porém constantes.

No tocante ao litoral arenoso e suas conseqüências à vida vegetal, Rambo expressa,

Diante desta falange de condições adversas, claro está que a vegetação só pode subsistir naquelas espécies que, por adaptações peculiares, conseguem vencer as dificuldades do terreno. Assim a vegetação, no nosso litoral, afinal triunfa sobre a areia, reduzindo a faixa móvel a um cordão insignificante; mas esta vitória não é obtida sem um máximo de adaptação da parte dos vegetais. De um lado, não há dúvida que a vegetação domina o nosso litoral muito mais do que a areia; do outro lado, é igualmente indubitável que a areia determina o caráter da vegetação. (RAMBO, 2005, p. 16).

Assim é relembrada a posição desvantajosa da vegetação no litoral do estado, onde os fatores presentes não são favoráveis ao seu desenvolvimento, somente vegetais de raízes numerosas e longas são capazes de se fixar nas dunas. É uma luta constante de adaptação onde um fator é determinante de outro compondo o que o autor ressalta como um “paradigma escolar”.

Rambo, ainda nesta categoria informa sobre a uniformização da paisagem, para ele, “...uniformização de estrutura, paralelismo de disposição e multiplicidade de coloridos produziram uma paisagem tão exclusivamente rio-grandense que não há similar em todo o Brasil.” (RAMBO, 2005, p.33). Visto isto fica evidente a simplicidade da composição do nosso litoral, mas mesmo assim, para o autor, de muita beleza.

Segundo o autor a formação geo-histórica do litoral rio-grandense reside em: “... a plataforma continental, a abundância de areias, a direção predominante do vento e a configuração peculiar da costa primitiva.” (RAMBO, 2005, p.3) Tudo isto vem a determinar a conformação do litoral, suas características e potencialidades que virão a se desenvolver ou não dependendo da ação do homem.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Riqueza natural: pesca, comércio de trânsito, ind. balneária	“Quanto aos peixes marítimos, a riqueza do litoral rio-grandense é prodigiosa em espécies e quantidade.” (p.54)
	“Quanto aos portos, a cidade do Rio Grande deve sua importância ao comércio de trânsito, fato que se reflete, embora muito menos acentuado, sobre Pelotas” (p.55)
	“Quanto à indústria balneária, fenômeno essencialmente moderno, devido a reação do homem contra incômodos dos grandes centros de população, o litoral rio-grandense oferece grande número de pontos excelentes para estações de veraneio.” (p.56)

Através da categoria **riqueza natural**, percebemos que Rambo, verifica as potencialidades e necessidades vindouras do litoral rio-grandense. Diz ele:

O futuro da pesca marítima, no Rio grande do Sul, depende de vários melhoramentos, como sejam, construção de porto de pesca, sistematização dos métodos, alargamento da pesca litorânea para pesca do alto-mar, aproveitamento dos subprodutos, como sejam, o azeite de peixe, aproveitável na indústria de couros; o óleo de fígado, conhecido fortificante, o guano de peixe, adubo de grande teor de ácido fosfórico; a farinha de peixe, alimento substancioso para animais domésticos. Tais melhoramentos, uma vez postos em prática, aumentarão consideravelmente o valor econômico do litoral, fazendo ressaltar ainda mais a sua significação antropogeográfica e influenciando decididamente sobre o elemento humano das suas paisagens. (RAMBO, 2005, pp. 54-55)

Através da citação acima verifica-se que Rambo considera positiva a ação humana para o desenvolvimento e melhoramentos tanto físicos como de construção de novas utilizações dos recursos naturais tão abundantes e mal aproveitados na época.

Quanto à indústria balneária, Balduino Rambo salienta:

Na parte meridional, menos acessível, as praias balneárias só se povoam perto da cidade do Rio Grande; ao norte, pela fácil comunicação existente na estrada Porto Alegre-Tramandaí-Torres, um número sempre crescente de veranistas aflui ao litoral, devendo-se a ele o desenvolvimento de lugares antigamente insignificante, como Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa e ainda um progresso sensível na antiga cidade de Torres. São precisamente estes centros balneários que, embora só na estação quente, influenciam fortemente o elemento humano da paisagem litorânea. (RAMBO, 2005, p.56)

No fragmento aludido consta a potencialidade de desenvolvimento das áreas balneárias do Estado que influíram e podem vir a influir na modalidade de vida desses locais.

A modificação da paisagem como percebemos é necessária para o estabelecimento da civilização. É transformando a natureza que o humano engenha uma melhor condição de vida, mas é a relação dos homens entre si e com a natureza que produzem consequências tanto ao meio ambiente, como no próprio humano, e é neste sentido que se valida a História Ambiental, pois é na articulação dessas relações homem/natureza que consiste o esteio de sua asserção.

Conforme Costa,

No atual estágio do pensamento geográfico, o “espaço” é visto como produto do trabalho humano sobre a natureza. É na relação homem-meio, portanto, que se desenvolvem os processos de transformação responsáveis por uma determinada “geografia”. Essa “geografia”, contudo, não resulta somente das relações sociedade-natureza, porquanto depende sobretudo do tipo de organização social na qual se insere, quer dizer, das relações que os homens mantêm entre si ao longo da história. (COSTA, 1986, p.58)

2.2. A Serra do Sudeste



Figura 2: Mapa do Rio Grande do Sul. Em destaque a serra do sudeste.

Fonte: adaptado Costa-1986

A segunda parte do livro *A fisionomia do Rio Grande do Sul* é dedicada a serra do sudeste, região esta situada em continuação do litoral, abrangendo a parte montanhosa do estado.

Nesta segunda parte as categorias que serão desenvolvidas são: *natureza geológica e região migratória de portugueses* e, como já mencionado anteriormente, iremos interligá-las com o intuito de estabelecer a relação homem/meio ambiente.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Natureza geológica: granito, região mineradora	“Ora, a natureza geológica da Serra do Sudeste é sintetizada numa única palavra: granito...” (p.59)
	“Por volta do século 19, os minérios da Serra do Sudeste começaram a exercer a sua atração sobre o interesse público” (p.100)

Com a categoria **Natureza geológica** podemos visualizar no que tange a formação desta região, seu componente determinante, que é o granito.

Pe Balduino Rambo afirma, “*Assim, entre os elementos que justificam a criação de uma paisagem natural própria para a Serra do Sudeste, o granito é o mais decisivo, ou melhor, o único, pois todos os outros dele se derivam.*”(RAMBO, 2005, 70)

Conforme a colocação do autor fica claro que o granito é a “alma” da Serra do Sudeste, e por isto na segunda parte de sua obra sua atenção fica dedicada a esta rocha.

Como região mineradora o autor expõe:

Assim a história da mineração na Serra do Sudeste é uma série de fracassos. Apesar disto, não existe dúvida alguma que a região mineradora do Rio Grande do Sul, principalmente em relação ao cobre, será um fator de grande importância na futura economia do Estado. Os Estudos detalhados que a intensificação do interesse metalúrgico suscitou nos últimos tempos, o melhoramento dos métodos, a ampliação da rede rodoviária, a possibilidade crescente de captação da energia hidroelétrica, a proximidade providencial das

principais jazidas de carvão do Brasil, hão de acrescentar, no futuro, um novo atrativo à Serra do Sudeste, influenciando poderosamente na fisionomia humana da região. (RAMBO, 2005, p.101)

O trecho acima evidencia claramente que para o autor a capacidade produtiva daquela região até então era muito ineficiente, mas que futuramente haveria de ser aliada ao desenvolvimento do estado. Não podemos deixar de esclarecer que o período de pesquisas do autor compreendia as décadas de 30 e 40, época esta que o país estava sob a bandeira desenvolvimentista, queria deixar de ser um país agroexportador. A industrialização traria o tão sonhado progresso.

A categoria **região migratória de portugueses** vem a esclarecer as condições que propiciaram o homem a tomar posse da Serra do Sudeste.

Rambo relata em sua obra,

Começou, desde 1740, um forte afluxo de colonos portugueses, principalmente açorianos. Sua distribuição através do litoral, da Serra do Sudeste e da Depressão Central, considerando-se apenas a acessibilidade, obedeceu a três fatores: a facilidade das comunicações lacustres e fluviais, as entradas naturais que os vales do sudeste ofereciam para o interior e a situação litigiosa da fronteira sul. (RAMBO, 2005, pp.97-98)

Neste momento, para um melhor entendimento do porquê da chegada de portugueses ao Estado tomamos emprestado as palavras da historiadora Sandra Pesavento quando ela em sua obra *História do Rio Grande do Sul* expõe,

... a Coroa portuguesa promoveu a vinda para o rio Grande de casais açorianos, com o objetivo de povoar a zona das missões, que por direito caberia a Portugal, garantindo assim a posse da terra. Chegando em grandes levas a partir de 1752 (ponto alto da imigração), os “casais d’El Rey” foram distribuídos pelo porto de Viamão ou do Dornelles (Porto Alegre) e pela beira do Jacuí (Rio Pardo, Santo Amaro, Triunfo, Taquari), não recebendo terras de imediato, ante a possibilidade de serem transferidos para as Missões. (PESAVENTO, 1985, p.22)

O geógrafo Euripedes Falcão Vieira contribui para este raciocínio quando em sua obra *Rio Grande do Sul: Geografia da População* coloca “A mobilidade nos estágios iniciais do processo de ocupação espacial é uma característica intrínseca às correntes migratórias... A colonização açoriana mudou o caráter do processo povoador.” (VIEIRA, 1985, p.45). Ele também afirma,

A penetração açoriana no Rio Grande do Sul foi programada e orientada segundo contingências da época e dos momentos cruciais da efetiva tomada de posse da terra pelos portugueses. A guerra guarani foi uma razão forte à interiorização do colono açoriano. Era preciso ocupar espaços, defendê-los, e organizar a produção. (VIEIRA, 1985, p.46).

Fica assim esclarecido do porquê da ocupação dessa região pelos imigrantes portugueses, especialmente açorianos, que viriam a formar núcleos de ocupação que posteriormente se irradiariam a novas conquistas às terras adjacentes.

2.3. A Região da Campanha do Sudoeste

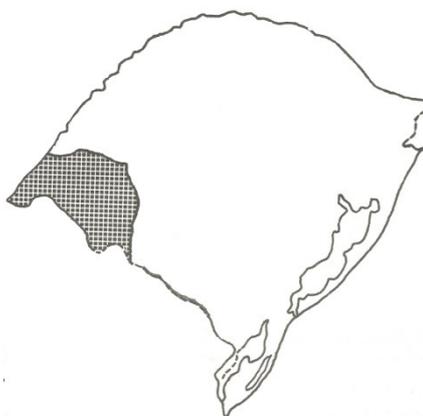


Figura 3: Mapa do Rio Grande do Sul. Em destaque a campanha do sudoeste.

Fonte: adaptado Costa-1986

A terceira parte da obra de Rambo compreende a região da Campanha do Sudoeste. Esta região se situa no quadrante sudoeste do estado e pertence à Bacia do Uruguai, tendo como características principais ser uma grande planície banhada por vários rios e ter recortes de serras de pouca altura.

Aqui, para uma melhor compreensão da região, lançamos mão de três categorias. São elas: *Água, Vegetação e Gado*. Conectado-as entendemos o autor quando ele expressa a representação do homem gaúcho presente nas paisagens da Campanha, “...mais do que em qualquer outra parte do Estado, nelas constatamos o elemento psicológico que caracteriza o homem rio-grandense: amor aos grandes espaços, impulso da liberdade, da independência e da conquista.” (RAMBO, 2005, p.149)

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Água	“Neste trabalho nivelador da água está o caráter geológico mais incisivo da campanha...” (p.112)
	“... a Campanha do Sudoeste é um terreno verdadeiramente clássico para observar o trabalho erosivo das águas correntes em rochas sedimentares.” (p.122)

No âmbito da categoria **Água** o autor descreve a formação geo-histórica da região da Campanha Sudoeste do estado, tecendo sobre ela algumas considerações:

..., podemos estabelecer: a tendência geral da erosão na campanha é nivelar o solo à altura do espelho do Uruguai, para falar em conceitos geológicos, tende a nivelar o seu leito com o oceano, a campanha, com lentidão multissecular, o acompanha neste destino, fatalidade inevitável de toda a terra firme regada pela água. (RAMBO, 2005, p.120)

Ele ainda corrobora este pensamento quando afirma,

Os cursos de água desempenham um papel importante na fisionomia da paisagem. É verdadeiramente notável o verticalismo de suas linhas: nascendo nas abas das coxilhas, os afluentes se dirigem sobre a linha norte-sul; reunindo-se aos rios, adquirem a direção oeste, direção para a qual pende toda a campanha. (RAMBO, 2005, p.134)

Percebemos nesta categoria que a mesma corresponde a momentos de descrição do autor evidenciando a formação da região aqui em destaque.

Rogério H. da Costa em seu livro *Espaço & sociedade no Rio Grande do Sul* adverte, “A tardia valorização dos recursos hídricos do Estado, ao lado da execução de projetos onde o poder de decisão das comunidades diretamente envolvidas tem sido desconsiderado, constitui um agravante na busca de uma organização mais racional do espaço geográfico gaúcho.” (COSTA, 1986, p.43). Mais adiante apontaremos a relevância dessa categoria correlacionada com as outras na representação homem/meio ambiente.

A próxima categoria lançada é **Vegetação**. Na sua obra o autor dedica-se ao estudo metódico deste tópico e segundo ele “As regiões do Rio Grande do Sul não

constituem peças de maneira separadas entre si, que a marcha histórica e o desenvolvimento da colonização se possam compreender sem relação ao conjunto.”
(RAMBO, 2005, p.149)

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Vegetação: campos	“De todas as regiões naturais do Rio Grande do Sul, a Campanha do Sudoeste é a que mais ostenta o caráter de campo sul-brasileiro...” (p.122)

Nesta categoria por nós denominada **Vegetação**, Rambo explicita de forma eloquente de como se formou e o que é a vegetação da Campanha, conforme extrato abaixo,

A vegetação da Campanha do Sudoeste se distribui nas seguintes formações: mata palustre, vegetação dos tabuleiros, vassourais, campo, parque espinilho; fora este último, todas as formações ocorrem nas restantes partes do Estado. O caráter peculiar da distribuição é a predominância absoluta do campo gramináceo, em comparação com o qual as outras formações quase desaparecem na fisionomia da paisagem. (RAMBO, 2005, p.126)

Assim, a **Vegetação**, por sua vez articulada com a categoria **Água** nos levam para a última categoria arrolada desta região, ou seja, a categoria **Gado**.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Gado	“Não mencionar a influência do gado sobre a paisagem seria omitir um elemento essencial.” (p.145)

Por fim, através da categoria **Gado**, percebemos que o autor indica a influência do meio no modo de subsistência da região.

Voltando agora o olhar do cenário histórico e político para o econômico, imediatamente compreendemos o interesse que os dois contendores tiveram em assegurar para si a campanha: poucas regiões haverá no Brasil mais aptas para a criação de gado em grande escala do que o extremo sudoeste. Já no período das reduções, cinco grandes

estâncias aproveitavam as pastagens da campanha para o abastecimento de carne, a herança dali proveniente, acrescida da experiência dos açorianos e enriquecida pela introdução de novas raças e métodos mais eficientes nos últimos decênios, tem feito da campanha aquela região do Estado que mais se distingue pela riqueza pecuária. (RAMBO, 2005, p.153)

Esta categoria vem a fechar o elo com as outras duas categorias mencionadas acima. Segundo o autor, *“Podemos reduzir a três os fatores antropogeográficos da campanha: todas as suas linhas naturais se dirigem ao Uruguai, todas as suas paisagens são abertas, todos os seus campos convidam à criação intensa de gado.”* (RAMBO, 2005, p.150)

Mais ainda, esta é uma região que sediou, além do núcleo de imigrantes açorianos, muita influência do elemento castelhano, assim sendo, historicamente teve um papel de grande expressão tanto para o estado quanto para o país. Assim, a compreensão das representações sociais vinculado ao meio ambiente se evidencia no fragmento abaixo descrito,

Enfim, a luta secular pela fronteira, unida ao caráter da paisagem forjou o caráter do gaúcho na mais pura significação do termo; no decorrer dos últimos cem anos até o presente dia, a campanha se tem patenteado como berço fecundo dos homens e das idéias, determinando a fisionomia política do Rio Grande. (Rambo, 2005, p.152)

Outro trecho da obra que reforça esta idéia expõe,

Fácil é deduzir a parte que cabe à campanha na economia do Estado; fácil é ainda compreender o amor acendrado que o gaúcho dedica às plunuras, que na vastidão de seus horizontes, na riqueza de suas pastagens, na epicidade de suas recordações lhe forjaram o caráter.(RAMBO, 2005, p.153)

Rambo vem a esclarecer o quão fundamental foi, e é, a região da Campanha para o estado, o papel que ela exerce na economia, no modo de vida, na cultura, enfim ela é um elo integrante e participante do Rio Grande do Sul.

2.4. A Depressão Central

Na quarta parte de sua obra o autor relata sobre a região conhecida como Depressão Central. É considerada a menor das regiões naturais do Rio Grande do Sul,



Figura 4: Mapa do Rio Grande do Sul. Em destaque a depressão central.

Fonte: adaptado Costa-1986

mas também umas das mais fundamentais do estado. Vejamos por quê.

Para melhor compreensão da relevância desta região agrupamos quatro categorias. São elas: *Potencialidade econômica, região de intercessão, enchentes, região de foco demográfico vital*. A partir do estudo destas categorias fica perceptível a compreensão do que o autor quer comunicar quando ele explicita,

...esta região, por seu caráter natural, pelas vias que a ela conduzem, pelos influxos que dela irradiam, pelas possibilidades econômicas, políticas, culturais e religiosas que oferece ao homem, é o coração do Rio Grande do Sul. Poucas regiões haverá no Brasil onde o nexo entre as condições naturais da paisagem e o homem sejam tão evidentes como na Depressão Central. (RAMBO, 2005, p.227)

Categoria	Informações Pe. Rambo
Potencialidade econômica	“Levando em conta... não é permitido duvidar de que A Depressão Central seja a região de maior interesse paleontológico do Rio Grande do Sul... se relacionam intimamente com os maiores depósitos de combustível fóssil até hoje descobertos no Brasil.” p.161
	“Do ponto de vista econômico e cultural, a Depressão Central é a região mais harmonicamente dotada de todo o Estado.” p.225

A Categoria **potencialidade econômica** contempla a capacidade econômica do local. O carvão, esta reserva mineral, é de grande viabilidade econômica uma vez que é de fácil exploração, é vizinha aos centros de consumo e até o que se sabia na época das pesquisas realizadas pelo autor, as reservas hulheiras davam ao Rio Grande do Sul o título de número um do país na posse destas jazidas.

Quanto ao gado, outra viabilidade econômica segundo Rambo, “*as excelentes pastagens naturais, as granjas modelares e a pequena criação dos colonos fazem da Depressão Central uma região pecuária de primeira ordem.*” (RAMBO, 2005, p.226)

Já a agricultura, outra modalidade econômica, o autor expõe que a região da Depressão Central é a maior produtora de arroz e também é o local de maior concentração fabril do estado. Conseqüentemente por estar às portas da capital do estado, Porto Alegre, estava na época muito a frente de todos quanto aos “requisitos essenciais da civilização moderna.”

Nossa próxima categoria a ser apreciada é **região de intercessão**, isto porque a região da Depressão Central recebe a interferência de todas as adjacentes.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Região de Interação	“Assim os fatores geográficos definem suficientemente essa região natural... a Depressão Central participa, em alguns pontos mais, em outros menos, de todas as grandes regiões naturais do Estado...” p.156
	“Resulta disto uma paisagem mista, cujo caráter individual é precisamente determinado pela porcentagem com que os ingredientes das outras regiões nela se manifestam.” p.156

A categoria **região de interação** vem a esclarecer que a região da Depressão Central sofre grande influência das formações limítrofes, o que vem a atuar resolutamente na fisionomia local.

O autor nesta região anexa um material suplementar que se junta ao texto como esclarecimento devido a sua relevância, o que vem a nos proporcionar a nossa próxima categoria que é **enchentes**.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Enchentes	“É aqui o lugar de acrescentarmos um estudo sobre as enchentes, que se manifestam devastadoras no trecho da Depressão Central acima delineado.” P.207

Segundo o autor, o mérito deste apêndice em sua obra se dá, “...*primeiro, porque toda a fisionomia da paisagem é exclusivamente determinada pela vasão das águas, alcançando a sua máxima expressão nas enchentes;*” (RAMBO, 2005, p.207). Além do mais que as próprias enchentes vêm a produzir profundas transformações no panorama da região.

Rambo apresenta ainda maneiras de repressão das enchentes. São sugestões que ele colheu no decorrer de suas pesquisas, principalmente através da imprensa, de como tentar domar as forças da natureza utilizando-se da capacidade criativa do homem.

Resumem-se em três grupos as medidas deste gênero: o primeiro é de ordem urbanística, impedindo o alastramento da cidade por terrenos inundáveis; o segundo é de ordem científica, organizando um serviço permanente de previsão das enchentes; o terceiro é de ordem administrativa, socorrendo eficazmente a população atingida. (RAMBO, 2005, p.219)

O autor conclui que todas estas sugestões são plenamente viáveis, dependendo apenas do esforço do poder público, tendo a partir de agora um bom planejamento urbanístico, vindo também a corrigir falhas passadas nesta parte, bem como, um serviço meteorológico dirigido que venha a fornecer os dados com antecedência para tomar rápidas e eficazes providências.

A última categoria levantada no estudo desta localidade é **região de foco demográfico vital**.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Região de foco demográfico vital.	“São três as predisposições que fizeram desta região o foco demográfico mais importante do Estado: suas linhas de acesso, sua posição central, seus recursos econômicos.” p.220

Esta categoria foi levantada porque Rambo em sua obra explana sobre o quão vital foi esta região como foco demográfico para o estado. Seus caminhos terrestres e fluviais foram fundamentais à época do povoamento; dela se irradiou a colonização, a expansão agrícola e industrial e também onde se localiza a sede do governo do estado.

2.5. O Planalto



Figura 5: Mapa do Rio Grande do Sul. Em destaque a região do Planalto.

Fonte: adaptado Costa-1986

Diferente das outras quatro localidades exploradas até agora, a região do Planalto se diferencia por não poder ser descrita uniformemente devido as suas pronunciadas desigualdades. Sendo assim, o autor optou por refletir o que há de comum e num segundo momento elencar as diferenças em três subdivisões. São elas: Paisagem do Alto Uruguai, Paisagens do Planalto Central e Paisagens do Planalto Nordeste. Segundo ele, *“Concedendo a imperfeição e o esquematismo deste método, contudo preferimos uma descrição que seja o espelho da realidade a uma divisão rígida, que seria um artificialismo de gabinete.”* (RAMBO, 2005, p.229).

Nesta primeira parte destacamos duas categorias pra melhor compreender este cenário. A primeira corresponde a **Pinheiros**.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Pinheiros	“Por mata do planalto entendemos a que cresce no quadrante nordeste do Estado, ... Embora seja ousado abranger uma área tão vasta, isto nos parece lícito, pois toda essa zona é caracterizada pela presença do pinheiro.” p.263
	“O pinheiro, árvores exclusiva do planalto:” ... p.264
	“O andar superior é o domínio do pinheiro (<i>Araucária angustifolia</i>). Se esta conífera não ocorresse em número tão amplo que determina a fisionomia vegetal da região, deveria chamar-se de hóspede estranho na vegetação rio-grandense, ou ainda, sul-brasileira, tão marcada é a diferença em comparação com as outras árvores” p.265

Esta categoria exhibe a grande ocorrência da araucária nesta localidade ao ponto de definir a fisionomia da região. Ao mesmo tempo o autor alerta para a intensa exploração do pinheiro.

Rambo especifica estes acontecimentos no texto a seguir,

... a exploração impiedosa da madeira de pinho já tem modificado consideravelmente a fisionomia desses matos, restando, nos lugares mais facilmente acessíveis, apenas os indivíduos imprestáveis, ou árvores novas espontaneamente nascidas. (RAMBO, 2005, p. 267)

O autor corrobora este pensamento e anuncia a importância desta árvore quando expõe.

Infelizmente, até hoje, ninguém se deu à pena de reflorestar os pinhais destruídos. Essa empresa seria muito fácil, porque o pinheiro, quando plantado, cresce nos solos mais ruins, não só no seu paradeiro original... Talvez não exista madeira nacional, que em tempo tão

restrito forneça troncos tão possantes como o pinheiro.” RAMBO, 2005, p.267)

Fica perceptível quando refletimos sobre esta comunicação do autor sobre a preocupação do mesmo com a devastação que estava sendo feita na época com a araucária, árvore nativa desta região. Preocupação esta plenamente fundada já que atualmente o território desta vegetação está reduzido a uma fração mínima, o que segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) coloca a araucária em *Perigo Crítico de Extinção*.¹

A segunda categoria levantada é **agricultura e pecuária**.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Agricultura e pecuária.	“Os dois grandes atrativos do planalto são a agricultura e a pecuária. Historicamente, precede a criação do gado; economicamente, a cultura do solo ocupa o primeiro lugar.” P.310

Esta categoria foi levanta uma vez que na região do planalto a agricultura é o fator economicamente predominante e a criação de gado é natural devido à condição histórica do estado.

No trecho a seguir, Rambo evidencia o potencial da região,

Relativamente ao homem, o planalto exerce duas funções, uma negativa, outra positiva: negativa, como obstáculo natural à expansão; positiva, como terra de lavoura e criação de gado. (RAMBO, 2005, p.306)

A agricultura como foco econômico principal o autor destaca,

A agricultura, na região do planalto, foi desde o princípio a ocupação principal dos colonos de origem teuta e ítala. Notam-se diferenças entre essas duas correntes imigratórias agrícolas, que não parecem destituídas de interesse. (Rambo, 2005, p.311)

¹ <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2014/08/pesquisadores-da-usp-identificam-genes-que-podem-salvar-araucaria-da-extincao.html>

Rambo aqui também evidencia que por causa da agricultura, a derrubada de matas se fez sem controle e de maneira perversa, trazendo assim, uma série de consequências como, enxurradas, enchentes, escassez de madeira, empobrecimento rápido do solo, etc.

Quanto à devastação para a agricultura, Balduino Rambo salienta:

No começo, a derrubada das matas, em vista das reservas quase ilimitadas em relação à densidade demográfica, era o único processo viável. Mas a expansão rápida das colônias transformou-se bem cedo numa verdadeira corrida para a mata virgem; o sistema extensivo fixou-se como método único, causando a exploração impiedosa e exaustão completa do solo em muitos lugares. (RAMBO, 2005, p.313)

O autor ainda argumenta,

Esses males já vêm de longa data; seu remédio não está em encaminhar o excedente da população rural para zonas ainda virgens, embora seja do interesse econômico geral que essas terras se valorizem; o remédio está em nos desfazermos do mito como se o solo rio-grandense fosse por sua natureza inesgotável... Proteção eficiente das matas ainda restantes, reflorestamento das capoeiras sáfaras com árvores de lei nacionais e estrangeiras, promoção, por todos os meios, do adubo em todas as suas modalidades, introdução de novas culturas de aperfeiçoamento da técnica rudimentar dos colonos, leis de amparo ao agricultor, resguardando-o contra a exploração capitalista em todas as suas máscaras – enfim, uma organização agrária sábia e eficiente – são o único meio de levantar a agricultura do seu grau primitivo de exploração à altura das exigências econômicas e culturais. (RAMBO, 2005, p.314)

Como mencionado anteriormente, o autor vem a elencar em sua obra três subdivisões para melhor definir a região. Denominadas como Paisagem do Alto Uruguai, Paisagens do Planalto Central e Paisagens do Planalto Nordeste, também levantamos categorias que correlacionadas nos dão uma melhor ideia do local.

2.5.(A) Paisagem do Alto Uruguai

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Papel da colonização	“Descendo pelas corredeiras do Uruguai em canoas e balsas, esses homens que sabem avaliar a fertilidade do solo pelas rochas que formam e pela vegetação que o reveste, que sabem manejar a foice, o machado e suportar a solidão da mata virgem entraram nestes ermos, decididos a os transmutar em focos de vida e prosperidade.” p.339

O autor destaca em sua obra o papel desempenhado pelos colonizadores a partir de sua chegada na região e o desenvolvimento por eles produzido no local. Isto fica perceptível na seguinte passagem,

As estreitas picadas, nas quais, alguns anos atrás, entrara a primeira vaca, o primeiro cavalo e a primeira máquina a vapor, alargam-se em estradas de rodagem capazes de suportar os caminhões mais pesados. A força do vapor e do gás substitui em grande parte o trabalho muscular nas serrarias e oficinas. As casas de madeira dos primeiros anos cedem lugar, mais a mais, a casas de material, continuando a prestar serviços como paióis e galpões de secar fumo. As sedes coloniais agrupam-se ao redor das igrejas e escolas: mais uma paisagem brasileira se integra na economia e cultura nacionais. (RAMBO, 2005, p. 340)

Euripedes Falcão Vieira em seu livro *Rio Grande do Sul: Geografia da População* corrobora o pensamento de Rambo quando explicita,

O sistema espacial sofre ao longo do tempo diversos impactos produzidos pelos fluxos migratórios e pela política de desenvolvimento econômico que, periodicamente, estabelecem novos padrões de ocupação territorial. No Rio Grande do Sul ocorreram diversos desses impactos: (...). Cada uma dessas etapas representa graus diferenciados de ação do homem sobre o ambiente natural. (VIEIRA, 1985, p. 52)

Assim vimos que o estado do Rio Grande do Sul através de sua política de abertura para a migração com o intuito de desenvolver o Estado, alavanca as forças produtivas da região, mas, ao mesmo tempo em que o crescimento chega, como não houve um planejamento racional, a ação antrópica, acarretou desequilíbrios naturais visíveis e perceptíveis até os dias de hoje.

2.5.(B) Paisagens do Planalto Central

A categoria **Cultura da madeira** expressa a arborização desta zona e a sua massiva utilização por parte do homem. Assim, a partir deste expediente o autor tece a seguinte consideração,

As povoações maiores todas se acham bem no meio da zona silvática. Chama a atenção a predominância da madeira como material de construção. Ali, como aliás também ao sul de Passo Fundo e na direção de Marcelino Ramos, tudo é de madeira de pinho: as casas, os paióis, as cercas, até as próprias capelas com seus campanários, tudo está debaixo do signo do pinheiro. (Rambo, 2005, pp.348-349)

A partir do fragmento destacado acima é visível o quanto a madeira era um produto ainda presente e fundamental na vida das pessoas que naquela região habitavam.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Cultura da Madeira	“O caráter desta paisagem é determinado pela combinação de campo, pinhal e selva uruguaia. Há trechos em que a araucária prevalece em absoluto; há outros, em que o “mato branco” aparece livre de pinheiros; há ainda trechos puramente campestres, com mistura de galerias, capões vigorosos e pinheiros distanciados.” p.349
	“A mata mais vigorosa já indica que ali o solo é melhor. Nada mais natural, pois, do que a colonização se embrenhar nessas matas. Toda aquela paisagem ferve de roças, estradas, povoações, tudo debaixo do signo característico da “cultura de madeira.”” p.349

O autor em sua obra nomeia todo este processo de ““Araucarilândia” rio-grandense”, onde as construções em madeira são cabais, isto porque é matéria-prima abundante local. A areia nesta região não se faz presente, sendo necessário trazê-la de outras localidades o que vinha a encarecer a obra.

Rambo expõe na década de 30/40 problemas que até os dias atuais estão presentes na nossa sociedade. Também sugere formas pra se alcançar mudanças que até hoje são as mesmas, mas muito pouco tem sido feito. Passaram-se setenta e dois anos da primeira publicação desta obra e ela neste quesito continua moderna e atualizada

2.5.(C) Paisagens do Planalto Nordeste

Nesta última subdivisão criada pelo autor levantamos duas categorias, **Aparados e Cerração**, as quais se relacionam intimamente.

Na categoria **Aparados**, Balduino Rambo enaltece o cenário, sua beleza, cores e vibração. Suas colocações são poéticas como podemos verificar na passagem, “*Um*

drama natural, inigualável na rapidez de suas cenas, impressionante na mudez de suas expressões, desenvolve-se nesse ambiente intato da natureza.” (RAMBO, 2005, p.389)

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Aparados	“Na margem do planalto, os aparados verificam toda a significação do seu nome popular. Os campos de fato são “aparados”, isto é, cortados como o fio de faca, terminando sem transição na aba dos precipícios” p. 389

O autor permanece a exaltar o ambiente e reafirma,

Parece que as forças da natureza, ora brandas e amigas, ora violentas e hostis, num jogo de paz e guerra, querem representar, numa sucessão incontável de vezes, os quadros vivos quem embelezam as mais românticas paisagens do Rio Grande do Sul. (RAMBO, 2005, p.389)

A outra categoria criada nesta subdivisão é **cerração**. Segundo o autor a cerração é uma particularidade do local, sendo localmente denominada de “viração”.

Categoria	Informações de Pe. Rambo
Cerração	“As correntes de ar, vindo do oceano saturadas de água, perdem, ao contato com a muralha da serra, uma parte de sua temperatura, são forçadas a subir e deitam-se em espessos nevoeiros sobre os aparados e os campos adjacentes.” p.382

Esta categoria levantada está profundamente ligada à anterior. O autor ratifica esta exposição quando profere,

De um minuto a outro, as nuvens, conglobando-se à orla dos precipícios, enchendo os pinhais, alastrando-se sobre as pastagens,

tolhem avista do solo e enchem toda a região como uma camada muito densa e muito alva, ondeante, inquieta, prestes a se desfazer em chuva. (RAMBO, 2005, p.382)

É nítido de se verificar através da exposição do autor que não podemos desvincular uma categoria da outra, pois elas estão intimamente vinculadas entre si, pois são fenômenos naturais conectados.

Capítulo 03

Um olhar global e à proteção a natureza

Neste capítulo, daremos continuação deste estudo, agora com um olhar mais amplo. Versaremos sobre as respectivas paisagens até agora estudadas de uma maneira geral com o intuito de espacializar o estado dentro do país. Para tanto, subdividimos o capítulo em seis momentos para uma melhor compreensão, dando ênfase a essência deste trabalho que é a proteção da fisionomia natural.

Nesse contexto relembremos que foi no ano de 1934 que ocorreu no país a *Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza* no Rio de Janeiro, onde propostas específicas sobre proteção a natureza foram formuladas juntamente com um forte apelo na construção de uma identidade nacional aonde a ciência viria a desenvolver um papel fundamental como orientadora dessas políticas protecionistas e o Estado deveria ser o executor deste processo.

Neste âmbito, na conferência, havia um grupo relativamente organizado, em sua maioria formado por cientistas, intelectuais, pensadores, etc que obtiveram alguns êxitos na sua luta por associarem à proteção a natureza com identidade nacional o que propiciaria a formação de laços entre o homem e sua terra natal.

Foi destaque nesta conferência a perspectiva da criação de parques nacionais, ideia que Rambo regamente defende em seu livro, não eram propostas homogêneas, na verdade tinham perspectivas bem diferenciadas, mas “*Um projeto mais amplo, que via no mundo natural a principal “fonte da nacionalidade”, englobava todos estes aspectos, conferindo-lhes coerência.*” (FRANCO, 2002, p.87)

Percebe-se assim que Rambo não é uma alma solitária na década de 30/40 na luta pela natureza, havia outras pessoas que também se preocupavam e buscavam alternativas para com o que estava acontecendo no Brasil e no mundo com relação ao meio ambiente.

3.1. Os elementos de estrutura e formação do Estado

Padre Balduino Rambo na análise de seus estudos e utilizando-se dos inúmeros sobrevôos feitos no estado conclui que “*As forças que modelaram a face do Rio Grande são a temperatura e a água no granito. A água no arenito e no meláfiro, o vento nas areias da praia.*” (RAMBO, 2005, p.395)

Para um melhor entendimento dos elementos de formação e estrutura do estado faço uso das palavras de Euripedes Falcão Vieira,

O território do Rio Grande do Sul possui características diferenciadas às demais áreas do país, principalmente se considerarmos o condicionamento morfoclimático responsável por certa tipologia de arranjos estruturais. As condições físicas têm íntima conexão com o ecossistema geral e a incorporação do homem veio dar ao sistema uma nova dinâmica. Na verdade, certas particularidades físico-espaciais determinaram o estabelecimento de ecossistemas subordinados, como por exemplo o notável ambiente estuarino da laguna dos Patos. (VIEIRA, 1984, p.12)

Rambo por sua vez esclarece,

A divisão do Rio Grande do Sul em regiões naturais é inteiramente em função das condições geológicas: o litoral, a Serra do Sudeste, a campanha, a Depressão Central e o planalto correspondem de tal maneira às formações geológicas, que praticamente se identificam com elas. (RAMBO, 2005, p.397)

O autor torna claro que independente de o estado ter suas particularidades locais, sua formação geológica está inserida dentro do contexto brasileiro, pois seus elementos são os mesmos encontrados por todo o Brasil meridional. Suas formações não são alheias ao resto do país.

3.2. Clima

O clima do estado, segundo o autor, não é possível se limitar com as regiões naturais até agora estudadas. A latitude do estado atinge a cinta de altas pressões e os ventos alísios da zona subtropical vêm a influenciar resolutamente sobre o clima.

Rogério H. da Costa contribui quando explicita,

A posição latitudinal do Rio Grande do Sul reflete-se de maneira muito nítida na dinâmica das massas de ar, que impõem ao Estado um tipo de clima entre tropical e o temperados típico de latitudes médias. Sem embargo das semelhanças com este último, a classificação mais apropriada parece ser mesmo a de subtropical. (COSTA, 1968, pp. 35-36)

A altitude das regiões junto com a distância relativa do oceano é outro fator determinante para classificação climática, perceptível na colocação do geógrafo Vieira, *“Tem-se (...) uma profunda e inseparável interação entre fenômenos climáticos e*

geoestruturais formando o quadro morfoclimático de determinada região.” (VIEIRA, 1984, p. 51).

Portanto para Vieira,

As estações climáticas por serem diferenciadas, condicionaram no Rio Grande do Sul comportamentos, costumes e modos de vidas próprios. Formou-se no decorrer do processo de desenvolvimento social uma simbologia característica da população gaúcha. (VIEIRA, 2012, p.45)

É de conhecimento geral que no estado as estações do ano são bem definidas, porém, são as grandes variações térmicas que ocorrem durante o dia que são a marca registrada do clima no nosso estado. Em determinadas épocas do ano esta variação pode chegar a ter 20° Celsius entre a manhã e a noite do mesmo dia, o que vem então a marcar a relação homem e o meio ambiente.

3.3. Solo

Para Rambo o solo é,

... o produto da destruição das rochas pelos fatores geológicos e climáticos. Seu estudo reveste-se de capital importância, pois da natureza do solo depende, num clima dado, o caráter da vida vegetal, tanto nas suas formas naturais, como agrícolas. (RAMBO, 2005, p.405)

Para o autor a grande dificuldade se encontra no fato que, na época de seus estudos, este era um campo de grande complexidade e de resultados locais e o estado não tinha reunido informações relevantes para o levantamento dos dados. Assim em sua obra ele discorre sobre os solos mais ordinários encontrados no estado restringindo-se as indicações mais essenciais.

Desse modo ele explicita,

A distribuição geral dos solos rio-grandense obedece ao esquema seguinte: no litoral, o solo de transporte marítimo extremamente arenoso; na Serra do Sudeste, os solos graníticos; na campanha, os solos areníticos e melafíricos vermelhos; na Depressão Central, os solos areníticos e de transporte fluvial; na borda da serra e nos vales profundos do interior e do Uruguai, os solos roxos; no planalto do oeste e do centro, os solos melafíricos, vermelhos; no planalto do nordeste, os solos melafíricos turfosos pretos, que em camadas mais profundas se tornam claros. (RAMBO, 2005, pp.407-408)

3.4. Vegetação

Segundo Rambo, as vegetações predominantes no Rio Grande do Sul são “*formações silváticas e formações campestres*”. Novamente o autor utilizando-se de seus sobrevôos no estado afirma, “*Isto é tanto assim que na observação aérea, em qualquer parte do Estado que estejamos, sempre avistamos as duas formações, ora prevalecendo uma, ora outra, ora havendo equilíbrio de distribuição.*” (RAMBO, 2005, p.408)

Costa corrobora a citação acima quando afirma,

Podemos considerar no Estado duas áreas distintas, a metade sul do Estado, onde há um sensível predomínio dos campos, e a metade norte, que alterna matas (latifoliadas e com pinheiros) e campos de altitude. Ao longo dos cursos d’água, e todo o território, é freqüente a presença de matas-galerias que, a exemplo dos “capões” em meio às superfícies campestres, estão ligadas à maior umidade do solo, seja pela presença do rio ou de fontes de água subterrânea. (COSTA,1986, p.52)

Como mencionado anteriormente, Padre Balduino Rambo atesta, a vegetação no nosso estado tem inclinação pra o mato.

3.5. Presença do homem

O autor nesta parte de sua obra vem brevemente remontar o caminho historicamente percorrido pelo estado desde seus primórdios, no início do século XVI, relembrando que o Rio Grande do Sul tardiamente integrou-se ao Brasil colonial, também quando ele passa a ser a antiga província de São Pedro no século XVII, a influência da colonização açoriana, alemã e italiana no desenvolvimento do estado, do papel da agricultura e pecuária na economia do estado, até chegar aos dias presente².

Primeiramente a integração tardia do Rio Grande do Sul ao país se deu devido à falta aqui no estado de produtos que na época interessava tanto à coroa portuguesa quanto espanhola, ou seja, ouro e prata. Danilo Lazzarotto em seu livro, *História do Rio Grande do Sul* escreve,

² Isto significa até a década de 30, pois foi o período de publicação de sua obra

O Rio Grande do Sul Não dispunha de ouro ou prata e estava demasiadamente longe das áreas de produção de açúcar para fornecer-lhes produtos subsidiários. Esse fato modificou, em favor de Portugal, ao se descobrir ouro em Minas Gerais, após 1690, quando começou o ciclo dos tropeiros. (LAZZAROTTO, 2001, p.14)

Padre Balduino Rambo também esclarece que os elementos históricos e naturais se misturam de tal maneira, interligando-se reciprocamente que não há como dissociá-los.

Lazzarotto corrobora este pensamento quando expõe,

Outro fator geográfico importante que iria condicionar a ocupação humana, foi o da vegetação original: uns 52% de áreas de campo e 48% de áreas de mata. O campo foi a área preferencial das ocupações missioneira e portuguesa no período colonial, as quais processaram-se com latifúndios para a criação de gado. O mato foi ocupado após a independência política, primeiramente por caboclos que produziam apenas para subsistência e extraíam erva-mate; após, por imigrantes e seus descendentes que praticavam, principalmente, a agricultura e minifúndios. (LAZZAROTTO, 2001, p.14)

Outro fator de destaque no estado foi às imigrações. Iniciou-se com a açoriana por volta de 1750.

A colonização açoriana, atraída pela abundância de gado, derramou-se ao longo de três linhas naturais: A Lagoa dos Patos, sobre Porto Alegre, até o Vale do rio dos Sinos; o Jacuí, até Cachoeira e os pontos finais da navegação dos afluentes; os vales do Piratini e do Camaquã, ocupando a Serra do Sudeste, entrando na liça com os competidores espanhóis de campanha; desde o começo do século 19, escalou a Serra do Nordeste pela subida de São Francisco de Paula, para se encontrar com os criadores da Depressão Central e da campanha, voltou-se para o norte, pela brecha do Uruguai, ocupando as pastagens oeste e central. (RAMBO, 2005, p.415)

Com relação à colonização alemã, ela iniciou-se a partir de 1824, pois foi quando começaram a chegar os primeiros imigrantes alemães, estabelecendo-se em pequenas propriedades doadas, mas sem receber qualquer auxílio. Sobreviviam às custas de uma agricultura de subsistência e com a troca de produtos entre vizinhos.

Pesavento indica as razões que levaram a abertura do país à imigração alemã.

Com referência à vinda dos imigrantes alemães, preponderavam, ao que parece, os interesses relacionados com o povoamento e a colonização de áreas ainda virgens e com a possibilidade de que os núcleos de pequenos proprietários agrícolas pudessem vir a neutralizar, pelo seu peso, o poder da oligarquia regional. Não pode ser desconsiderada, também nesta época, a perspectiva da

diversificação da estrutura produtora, contribuindo para o abastecimento interno do país e amenizando o desnível da balança comercial causado pelo grande peso das importações de alimentícios. (PESAVENTO, 1985, p. 46)

Já a imigração italiana que se desenvolve a partir de 1875 em condições de desvantagem se comparadas com as dos alemães para Pesavento ocorreu porque,

Já com referência à vinda dos italianos, o interesse do centro, ao que parece, se prenderia primordialmente a dois fatores básicos: promover o abastecimento do mercado interno brasileiro gerado pelo complexo cafeeiro e formar no sul núcleos coloniais imigrantes bem sucedidos que pudessem servir como foco de atração à imigração estrangeira para o país. (PESAVENTO, 1985, p. 46)

Os núcleos coloniais foram um fator relevante nas alterações espaciais da geografia do estado. Eles trouxeram a expansão agrícola, desenvolveram o comércio, iniciaram o embrião industrial local e também influenciaram os costumes, religião e comportamentos. Para Rogério H. da Costa com o advento da imigração,

Ingressava o Rio Grande do Sul em outra etapa de desenvolvimento capitalista. Mantinha-se, contudo, o caráter de economia periférica e dependente em relação a centro... Sua função tornava-se a de fornecedor de matérias-primas alimentares, destinadas a baratear o custo de mão de obra e de capitais no centro. (COSTA, 1986, p.61)

Com relação ao fator econômico, para Rambo a agricultura e pecuária são as duas ocupações primordiais do estado. Tanto uma como a outra, o único trabalho é aproveitar tal e qual a natureza e o solo vem a oferecer. Porém ele adverte que toda esta fertilidade não é ilimitada, que para garantir a produtividade é necessário abandonar o estilo de exploração da terra e pensar na agricultura racional, bem como pensar em novos caminhos para a criação de animais principalmente no desenvolvimento da suinocultura.

Ele também observa sobre o potencial industrial do estado, não pensa numa indústria pesada, como na década de trinta todo o país pensava em implementar em todo o seu território, acreditava que nossa vocação era para a extração hulheira e hidrelétricas uma vez que somos possuidores de inúmeras quedas de água no estado.

Finaliza sua subdivisão apontando,

Mas não podemos fechar este capítulo sem chamar atenção a um requisito decisivo: para poder auferir o pleno proveito de sua situação privilegiada, o Rio Grande do Sul precisa de um bom porto marítimo, de um porto que convide os navios a fazer escala à sombra de seus guindastes (RAMBO, 2005, p.423)

Já naquela época Rambo destacava a relevância que teria para o estado o Porto de Rio Grande, sendo esse complexo portuário o portão de abertura para o desenvolvimento econômico gaúcho.

3.6. Proteção à natureza

Esta é a última parte da obra de Padre Balduino Rambo e ela se faz notar devido ao fato que foi escrita na década de 30/40, onde o autor já chamava a atenção com relação à falta de cuidado que o homem dispensava ao meio ambiente. Através de seus inúmeros sobrevôos pelo estado, suas pesquisas *in loco*, Rambo verificou as transformações que estava ocorrendo no Rio Grande do Sul, período este sob a égide do desenvolvimento e progresso no país a qualquer “custo”.

Acreditava ele que a destruição do meio natural era ato irresponsável e não condizentes com os princípios éticos e espirituais que guiam os homens “*filho desta terra, que lhe fornece o pão de cada dia e os símbolos de sua vida espiritual...*” (RAMBO, 2005, p.432).

Sendo assim proclamava a necessidade de se fazer “proteção à natureza” que viria a abranger quatro setores: Aos monumentos naturais; as espécies botânicas e zoológicas periclitantes; harmonização das obras humanas com a paisagem natural e por fim a criação de parques e reservas nacionais.

Com relação aos monumentos naturais destacava,

No Rio Grande do Sul, quanto às árvores, cabe proteção principalmente às figueiras... muitas delas de grande beleza natural, outras ligadas com recordações históricas. Em geral, todas as árvores... têm direito a conservação. Mais do que as árvores, os monumentos rochosos:...são de tal maneira rio-grandenses, que a destruição de seus aspectos, seja pelo desmatamento, seja por pedreiras, roubaria elementos insubstituíveis da nossa riqueza estética. (RAMBO, 2005, p.433)

Rogério H. da Costa em sua obra *Espaço & Sociedade no Rio Grande do Sul*, publicada sua 1ª edição em 1982, ou seja, quarenta anos depois da obra de Rambo evidencia, “*É importante lembrar que, atualmente, a vegetação original, especialmente as matas, encontra-se grandemente alterada, devido à indiscriminada ocupação humana e à escassez de iniciativas no sentido de criação de reservas naturais.*” (COSTA, 1986, p.50). Percebe-se que o autor expõe a mesma proposição o que nos deixa a entender que neste período de tempo transcorrido nada foi feito com relação ao proclamas do religioso.

Sobre a fauna e a flora, Padre Rambo pensava que a catalogação ainda não havia atingido um grau de eficiência e por isto o conservacionismo se fazia necessário para fins de interesse científico. Acusava também a falta de conservação das matas virgens e proferia, “*Até hoje, o desmatamento esteve ao acaso, Sujeito ao bel-prazer dos donos do lote colonial ou da fazenda.*” (RAMBO, 2005, pp.433-434)

Costa reforça este pensamento quando expõe, “*Trata-se da formação florestal mais devastada do Estado. Devastação essa que teve início nas primeiras décadas do século passado, quando até uma região de pequena área de mata, como a de Santa Maria, chegou a exportar madeira para Montevideú.*” (COSTA, 1986, p.55)

Rambo defendia o reflorestamento e para ele era necessário se fazer o replantio de árvores nativas, elas “*Crescem de vagar, sim, mas o nosso esforço frutificará tanto mais para as gerações do porvir.*” (RAMBO, 2005, p.434). Ou seja, ele contestava a prática de reflorestamento com eucalipto e acácia feito na época, por não condizerem com “a expressão natural da nossa terra”.

Novamente Costa vem nos auxiliar quanto em sua obra escreve, “*Hoje, além das pequenas reservas, o reflorestamento, feito com espécies exóticas (eucalipto, pinus) e que nada restaura do ambiente ecológico original.*” (COSTA, 1986, p. 55). Fica esclarecido que as preocupações e alertas de Padre Rambo não surtiram efeito no tempo transcorrido entre uma obra e outra.

A fauna para Rambo era outro sério problema no estado. Ele informava, “*No tocante aos animais, o Estado do rio Grande do Sul já é desolador.*” (RAMBO, 2005, p. 434). Assim, denunciava que em função da ação do homem, espécies estavam sob ameaça de extinção, criticava a caça, a pesca predatória, e pronunciava que a destruição no estado continuava “em escala ascendente”.

Com relação à harmonização das obras humanas com a paisagem natural, elogiava a estrada federal da serra gaúcha e do Vale do Caí, por ela seguir o curso

natural dos acidentes geográficos e relevo do local amalgamando-se com a natureza. Também se posicionava a favor da utilização das quedas de água desde que “*deverá ser o empenho dos órgãos públicos proteger-lhes a beleza natural*” (RAMBO, 2005, p.435).

No tocante a criação de parques e reservas nacionais o autor defende sua criação, pois seriam locais onde, “*a natureza primitiva se conserva totalmente intacta.*” E ainda argumenta,

Quer-nos parecer que, fora das medidas de proteção a se dispensarem a certas formas individuais, aos animais selvagens em geral e a espécies botânicas raras, o Rio Grande do Sul bem merecia um parque nacional. Na sua possível localização decidem dois fatores, o perigo da destruição incessante pela lavoura e a riqueza de formas naturais. (RAMBO, 2005, p.436)

Fica claro que o desenvolvimento da sociedade causou e vem causando profundo impacto no meio ambiente. O uso inconsequente dos recursos naturais, a falta de critérios e medidas efetivas de preservação se faz presente desde os primórdios da formação do estado. Rambo e outros pensadores já nos alertavam, outros autores permanecem nos alertando, que a relação homem/meio ambiente precisa ser harmônica.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos identificar as representações sobre natureza/ambiente por padre Balduino Rambo em sua obra *A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*, relacionando-o com o contexto da época. Também conferimos o surgimento da História Ambiental como campo do conhecimento, vindo ela a auxiliar o entendimento das transformações socioeconômicas mundiais, que refletem a realidade nacional, argumentando que a História Ambiental pode, e é, um agente que vem a contribuir para os estudos relacionados ao meio ambiente.

Balduino Rambo escreveu seu livro de forma essencialmente descritiva e detalhista, muito pouco analítica, enfatizando aspectos geográficos, geológicos e paleontológicos embasando seus conhecimentos a partir de suas observações *in loco*. Ele explorou muito pouco as relações seres humanos/natureza, assim sua obra tende para uma visão cartesiana do estado.

Percebemos que o autor estava inserido dentro do cenário nacional, suas idéias não eram descontextualizadas, e que sua obra sobre o estado é relevante até hoje, sua visão protecionista e conservacionista permaneceu atual e continua a expressar a realidade do Rio Grande do Sul.

No livro, *A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural*, embora percebamos profundas conexões e interconexões no espaço sul-riograndense, é necessário salientar que as diferenças regionais estão presentes. Fatores históricos, características geográficas, modos de ocupação, entre outros fatores, impuseram características locais diferenciadas e determinantes, tanto na forma produtiva quanto ao meio ambiente. É da sincronização dessas realidades que emerge o estado do Rio Grande do Sul.

No tocante a proteção à natureza, são pouca as informações inseridas na obra, se comparado com o todo, porém sua visão e escrito veio de um modo ou outro a influenciar pensadores da época e atuais. Ele expõe seu temor e preocupação pelo futuro do estado. Veio a reconhecer que as necessidades humanas viriam a exigir muito mais dos recursos e que com certeza o meio ambiente iria pagar um alto preço por isto. Enfatizou também a necessidade de se preservar os elementos característicos que

integram cada tipo de paisagem levantando a bandeira da questão ética e moral com relação à destruição do meio ambiente.

Sua obra, considerada uma das mais importantes referências sobre o estado, fixou a imagem do Rio Grande do Sul como ela se encontrava na década de trinta, com suas particularidades sociais, econômicas e ambientais.

FONTES

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural**. 3ª edição. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 1986.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul** [por] Rogério Haesbaert da Costa e Igor A. G. Moreira. 2º Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DRUMMOND, José Augusto. **A história ambiental: temas fontes e linhas de pesquisa**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4 nº 8, 1991.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14º Ed. São Paulo: Edusp, 2012.

FRANCO, José Luiz de Andrade. **A Primeira Conferência Brasileira de proteção à Natureza e a questão da Identidade Nacional**. Varia História. Minas Gerais, nº 26, 2002.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 7º Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: Pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos; análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos**. 2º Ed. Ijuí/RS: Ed.Unijuí, 2007, PP.85-114.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Jorge Zahar Ed., 2002.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados. São Paulo, vol. 24 nº 68, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 4º Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PRADO, Daniel Porciuncula. **A figueira e o machado: uma história das raízes do ambientalismo no Sul do Brasil e a crítica ambiental de Henrique Roessler**. Rio Grande, Ed. Furg, 2011.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural**. 3ª edição. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2005.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **Rio Grande do Sul: geografia da população**. Porto Alegre: Sagra, 1985.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **Rio Grande do Sul: geografia física e vegetação**. Porto Alegre: Sagra, 1984.

VIEIRA, Euripedes Falcão. **Rio Grande do Sul: territorialidade-ambientes naturais sociedade**. 2ª Ed. Porto Alegre: Edigal, 2012.